

Dulce C.A. Whitaker

Professora de Sociologia da Educação do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação de Araraquara, da UNESP

Bastante significativo o fato de a Educação aparecer ligada ao tema central da 32ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O mais importante congresso científico do País, ao associar Educação à Ciência e à Tecnologia, teve, provavelmente, intenção de transmitir um novo alento a todos aqueles que trabalham com o ensino, neste momento particularmente difícil que atravessa a nossa Educação; momento em que o ministro da Educação declara fracassado o sistema nacional de ensino, enquanto o governo do Estado de São Paulo se destaca pelo menosprezo com que tem tratado o magistério oficial; momento em que as inteligências brilhantes se sentem tentadas a abandonar a profissão de professor, cada vez menos valorizada socialmente; momento em que, dir-se-ia, em nosso País o chamado capitalismo selvagem despreocupou-se até da reprodução da mão-de-obra que necessita para seu desenvolvimento (não são a Educação pública e a saúde pública as áreas mais descontentes no Estado mais industrializado do País?).

Diante desse quadro, é bastante consolador que a SBPC, cujo congresso anual é o grande painel de discussão dos nossos problemas maiores, tenha reservado para os debates sobre Educação o seu espaço mais privilegiado. Como resultado, grandes educadores, outrora marginalizados pelo processo

* FOLHA DE SÃO PAULO, domingo, 20 de julho de 1980.

político, injustiçados por aposentadorias e/ou exílio, puderam ser ouvidos.

A intenção deste artigo, no entanto, não é situar os debates feitos pelas grandes cabeças críticas que lá estavam. Grandes intelectuais, ora de um campo, ora de outro, nunca faltaram nesses congressos e sempre fizeram denúncias relevantes. Largamente aplaudidos, sempre proporcionaram a catarse coletiva, cujos resultados se esgotavam rapidamente, dadas as dificuldades para agir que encontravam todos os participantes em suas esferas de trabalho.

Este ano, porém, há um fato novo. Como decorrência da temática escolhida, abriu-se um espaço de participação para professores de 1º e 2º graus que realizaram várias mesas de debates, onde os problemas educacionais foram discutidos sem academicismo, a partir de críticas formadas pela prática profissional e pela preocupação com os rumos da Educação no País. Na maior parte dessas mesas, não havia "grandes nomes".

Havia sim, professores, cujo testemunho proporcionou trocas de experiências bastante férteis. Cumpre ressaltar os debates promovidos pela Associação dos Professores de Língua e Literatura (APLL), nos quais se discutiu desde a alfabetização até a formação dos professores em nossa sociedade.

Uma dessas reuniões, cujo tema era Ensino e Democracia, foi particularmente impressionante pela lucidez das críticas que os quatro professores participantes formularam, ao narrarem suas experiências de resistência ao que chamaram de "cultura dominante".

A crítica à escola de 1º e 2º graus, que até aqui fora feita por especialistas em Educação, está se tornando também autocrítica. Como tal, ela surge dentro da escola e se

forma na prática cotidiana, no enfrentamento dos problemas ca da vez maiores com que se defronta o professor. Por isso, ela me parece mais fértil do que aquela vazada em linguagem acadêmica, embora não se possa prescindir dela. Mais fértil por que somente ela pode produzir a mobilização dos agentes humanos realmente capazes de atuar no campo da Educação. Se o que buscamos ansiosamente é a Democracia (conforme o tema da SBPC e as unanimidades nacionais), importa ressaltar o seguinte: embora se reconheça que a escola é impotente para transformar a realidade social, o fato que parece estar sendo descoberto é que tal transformação também não se pode fazer se a Educação escolarizada continuar funcionando como "freio" da mudança.

A crítica dos mestres não deverá se esgotar dentro dos muros da escola. A ânsia de diagnosticar os motivos das dificuldades que enfrentam poderá levá-los finalmente a descobrirem onde é fabricada a substância antidemocrática com que esbarram no seu trabalho cotidiano.